

OBLÍQUA

Márcio Araújo de Melo¹

E, para ser pior, era canhota. Havia um ar de que eu gostava em seus olhos, mas precisava ser canhota para aumentar meu imaginário, reafirmo. De onde a via não podia ser mais dolorido: casada. De meu lugar, fiquei tempo depois sabendo de sua própria boca, me confessando que gostou de meus estranhamentos. Aqueles foram tempos de confissões corporais. O estranho gosto que se aproxima por existir pensamentos tendenciosos para o antinormal – lambemos tantas vezes esses sabores. Não erámos jovens, mas nem estávamos perto de sermos velhos. Talvez ali – marido me olhando pela intimidade que brotava – fosse ele o único que descompassava o cheiro. Descrever seria algo impossível, porque me restam nuances e os anos deixam sua imagem na penumbra do quarto mais forte. É impossível lembrar aquele dia, aquele que vi sua mão esquerda. Foi um vapor de tempo que registro para entender. Sua mão esquerda me fez existir não apenas em desejo, mas saber que sei amar.

*Recebido em 20 de outubro de 2017.
Aprovado em 24 de novembro de 2017.*

¹ Doutor em Letras pela UFMG, coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL/UFT) e docente do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS/UFT). É poeta e contista. E-mail: marciodemelo33@gmail.com